GOLPE DE 64

50 ANOS DO GOLPE E A POLÍTICA DE ALIANÇAS COM A BURGUESIA

PÁGS. 4 E 5

Opinião Socialista

WWW.PSTU.ORG.BR ▸ NÚMERO 477 ▸ DE 27 DE MARÇO A 8 DE ABRIL DE 2014 ▸ ANO 17

R$ 2

FOTO: ROMERITO PONTES (RECORTE)

DILMA, ESCUTA, NA COPA VAI TER LUTA!

Encontro surpreende, reúne 2.500 ativistas e aprova plano de lutas

PÁGS. 7, 8 E 9

FOTO: PAOLLO RODAJNA

LUCRO PADRÃO FIFA – Como já era esperado, a FIFA anunciou lucro recorde graças a Copa de 2014. Os negócios envolvendo Copa no Brasil geraram recursos de R$ 3,2 bilhões.

IMAGINA NA COPA – O ganho bruto foi 20% maior do que em relação ao ano anterior. A maior receita de 2013 foi gerada pela venda de direitos de televisão (US$ 601 milhões) e de marketing (US$ 404 milhões) para a Copa no Brasil.

HOMENAGEM A DITADURA NA CÂMARA

A mesa diretora da Câmara Federal decidiu abrir espaço na casa para homenagear o golpe militar de 1964. O evento foi uma solicitação do deputado ultra-reacionário Jair Bolsonaro (PP-RJ), famoso defensor das torturas e assassinatos do período da ditadura. A sessão pretende "comemorar os feitos" do golpe militar. Bolsonaro quer realizar a sessão para aproveitar o alcance da TV Câmara para, segundo o deputado, "desmistificar o que foi o período militar". Um dos convidados do deputado é o coronel reformado Carlos Alberto Brilhante Ustra, que chefiou o DOI-Codi em São Paulo e é considerado um dos símbolos da tortura praticada pelos militares.

PELEGOS ENTRAM EM CAMPO

A central governista foi convocada por Dilma para tentar neutralizar as ações dos movimentos sociais durante a realização da Copa do Mundo no Brasil. A CUT promete ir às ruas para defender o Mundial. Segundo o presidente da entidade, Vagner Freitas, o evento vai beneficiar os trabalhadores e os protestos contra a Copa são "eleitoreiros". "*A CUT é um movimento de massas que nunca se omitiu diante dos grandes eventos nacionais. No caso da Copa do Mundo não será diferente*", disse o presidente da central.

LATUFF

Pá falá a verdade eu até gosto do trem lotado. É bom pra chavecá a mulherada né mano! Foi assim que eu conheci a Giscreusa (sic).

PROPAGANDA do Estado de São Paulo veiculada na capital paulista pela Rádio Transamérica.

'JUSTIÇA' RÁPIDA

No país em que a "Justiça" anda devagar, foi inaugurado pelo Tribunal de Justiça de São Paulo, um "órgão específico" para analisar "com rapidez" casos de prisão. Mas a nova medida não visa julgar mais rápido os casos que envolvem políticos e empresários corruptos. Busca sim "acelerar" a análise das prisões dos manifestantes detidos nos protestos populares, principalmente nas manifestações contra os gastos da Copa. Para isso foi criado o Ceprajud (Centro de Pronto Atendimento Judiciário), órgão que vai agilizar a transformação dos inquéritos policiais em processos criminais. Eventuais prisões em flagrante a partir do dia 22, já serão encaminhadas ao órgão. O Ceprajud é mais um legado da Copa da FIFA...

O HINO DA COPA

O compositor Edu Krieger, que trabalha com nomes famosos, como as cantoras Ana Carolina, Maria Rita, Maria Gadu e Roberta Sá, escreveu uma música criticando duramente a organização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Intitulada de "Desculpe, Neymar" a canção fala que os problemas que o país enfrenta diante dos gastos com a copa. A letra diz: "*Desculpe, Neymar/ Mas nesta Copa eu não torço por vocês/ Estou cansado de assistir ao nosso povo/ Definhando pouco a pouco/ (...) Mas não seremos verdadeiros campeões/ Gastando mais de 10 bilhões/ Pra fazer Copa no país/ Temos estádios lindos e monumentais/ Enquanto escolas e hospitais/ Estão à beira de ruir*". Vai virar hit.

Cabral pede exército para reprimir comunidades no Rio de Janeiro

JULIO ANSELMO, do Rio de Janeiro

Diante de diversos ataques as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) e aos policiais militares do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral (PMDB) decidiu ocupar o complexo da Maré com as Forças Armadas, em especial, o exército. Para isso, apelou ao governo federal, pedindo a Garantia da Lei e da Ordem, que é uma legislação que dispõe sobre a utilização do exército, conferindo a este poder de polícia.

É um absurdo que o governador, mesmo após tantas ações desastrosas da polícia, recorra ao exército para patrulhar e ocupar comunidades pobres do Rio de Janeiro. Sabemos que, se já é ruim com a polícia, será pior ainda com o exército, cujo treinamento nunca foi o policiamento, mas a guerra entre nações. Não podemos aceitar mais este ataque aos moradores pobres das comunidades do Rio de Janeiro!

Sérgio Cabral, em nome do combate a violência, militarizou os morros cariocas, aumentando a repressão aos trabalhadores destas comunidades. A verdade é que as UPPs não resolveram o problema de segurança pública, apenas aumentaram a repressão e a violência policial sobre o povo pobre, como demonstra o caso do Amarildo, de Claudia Silva Ferreira e tantos outros que são vítimas dessa PM. A utilização do exército vem justamente no momento onde há um questionamento cada vez maior as UPPs.

Com a política de segurança de Cabral, ou os moradores sofrem a violência do tráfico, ou da polícia ou da milícia. A preocupação do governo não é garantir segurança da população, mas sim uma cidade tranquila para a realização da Copa do Mundo. Por isso há um recrudescimento na criminalização da pobreza. Com os assassinatos, torturas e sumiços, praticados pela polícia no Rio de Janeiro um verdadeiro genocídio da população pobre e negra veem ocorrendo.

A mesma polícia que mata na favela, reprime as manifestações dos trabalhadores.

OPINIÃO SOCIALISTA
publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

EDITOR
Eduardo Almeida Neto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO
Diego Cruz, Jeferson Choma, Raiza Rocha, Luciana Candido, Wilson H. da Silva

DIAGRAMAÇÃO
Romerito Pontes, Thiago Mhz, Victor "Bud"

IMPRESSÃO
Gráfica Lance
(11) 3856-1356

CORRESPONDÊNCIA
Avenida Nove de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000
Fax: (11) 5581.5776
e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

Um fim de semana que não será esquecido

Manhã de sábado. Quadra do Sindicato dos Metroviários de São Paulo. Cinco garis, representantes do comando da greve que sacudiu o país durante o carnaval, sobem ao palco. É a mesa de abertura do Encontro Nacional de Unidade de Ação. Usam palavras simples, dividem as intervenções entre eles. Ao lado dos operários do Comperj, emocionam a todos.

Na plateia 2500 ativistas, representando centenas de entidades de todo o país. Muitos têm lágrimas nos olhos ouvindo os garis e os operários do Comperj. Eles mostraram que no Carnaval é possível lutar, é possível vencer. O Encontro responde que na Copa vai ter luta.

Os governos Dilma e Alckmin tentaram evitar o Encontro, pressionando os ginásios já contratados. Por isso a reunião foi no Sindicato dos Metroviários. A pressão virou contra os governos. Mesmo apertadas, milhares de pessoas estavam alegres só por participar do encontro. Elas entenderam que, mesmo com repressão, as mobilizações na Copa vão se impor.

A justiça do Rio Grande do Sul, a mando do governo Tarso Genro (PT), processa ativistas das lutas como Mateus Gomes, militante do PSTU. Agora, a justiça de São Paulo instituiu tribunais de justiça rápida. Não é para julgar policiais assassinos ou políticos corruptos, que permanecem impunes por dezenas de anos. Mas para manifestantes durante a Copa. Não nos intimidarão.

O Encontro reuniu representantes das lutas mais importantes do país, como os garis do Rio e operários do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj). Unificou sindicatos, entidades estudantis e movimentos populares. Junto à CSP Conlutas, ANEL, Quilombo Raça e Classe estavam a Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo (FERAESP), a Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Federal (Condsef), a "CUT pode mais", o Jubileu Sul e a Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa (Ancop).

Na sexta feira, a ANEL reuniu quase mil estudantes em sua Assembleia. No domingo, o Encontro de negros e negras da CSP Conlutas juntou cerca de 1200 pessoas. Nesse fim de semana foi dado um passo muito importante para articular os movimentos sociais em torno a um plano de lutas unificado durante a Copa do Mundo no Brasil.

Foto: Elder Sano "Folha"

Foi votado um programa e um plano de lutas comum até a Copa. Um manifesto foi votado - a carta de São Paulo - contendo exigências concretas que vão ser levadas diretamente ao governo Dilma. Nele se diz: "*Chega de dinheiro para a Copa, Fifa e para as grandes empresas! Recursos públicos para a saúde e educação! 10% do PIB para a educação pública, já! 10% do orçamento federal para a saúde pública, já!*"

Um estudante e um metalúrgico sul africanos estiveram presentes. Representavam os trabalhadores e estudantes que lutaram contra as consequências da última Copa nesse país. Lutam também contra o governo do Congresso Nacional Africano (CNA), muito semelhante ao do PT no Brasil. Em todos os lugares, saudavam gritando "*amandlha*" (poder) e as pessoas respondiam "*aweto*" (é nosso). Eles expressam as mobilizações que vão ser feitas em muitos países do mundo juntas com as nossas durante a Copa.

Agora, é hora de transformar as resoluções do Encontro em movimento vivo de trabalhadores e estudantes. Vamos levar para as bases das entidades as propostas discutidas de programa e plano de ação. Vamos preparar os primeiros passos do plano de lutas, para que se faça ouvir em todo o país o grito do Encontro; "Dilma, escuta! Na Copa vai ter Luta!"

ZÉ MARIA, NAS LUTAS E NAS ELEIÇÕES

O PSTU se orgulha de seu papel em todos esses encontros. O sucesso dessas atividades tem a ver também com posturas fundamentais para o desenvolvimento de lutas unitárias de massas.

O método da Frente Única para lutar, reunindo setores políticos de origens distintas, discutindo um programa e uma política de maneira clara, mas fraternal e respeitosa. A democracia operária, com discussão em grupos e nas plenárias sobre os temas que terminaram em votações sobre as campanhas. O internacionalismo proletário presente na delegação sul africana e na articulação internacional de solidariedade.

Zé Maria de Almeida foi parte fundamental da articulação de todo o Encontro, como parte da direção da CSP Conlutas. Ele também é o pré-candidato do PSTU à presidência nas eleições de outubro.

Como falou no Encontro, sua candidatura vai servir para expressar as lutas discutidas nesse fim de semana. Sabemos que não será pelas eleições que vão se resolver os enormes problemas sociais impostos pelo capitalismo e sim pelas lutas diretas dos trabalhadores. A candidatura de Zé Maria vai ajudar a denunciar as próprias eleições nessa democracia de ricos, sempre subordinada ao poder dos bancos e multinacionais. E vai traduzir a radicalidade das lutas que estão ocorrendo, como a dos garis e dos operários do Comperj, em um programa socialista para o país.

É preciso que os trabalhadores e jovens lutem durante e depois da Copa, como alternativa ao poder dos governos das grandes empresas. É preciso apresentar uma alternativa socialista, independente dos governos. Os trabalhadores brasileiros que se opõem aos governos do PSDB devem ter uma alternativa ao PT, que já demonstrou seguir aplicando o mesmo programa da direita.

O PSTU apresenta a pré-candidatura de Zé Maria , nas lutas e nas eleições. ■

Endereços das sedes

SEDE NACIONAL

Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - maceio@pstu.org.br | pstual.blogspot.com

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Sergipe, 407 - CEP. 68908-310. Bairro Pacoval. Tel: (96) 3224.3499 | macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Manicoré, 34 - Cachoeirinha
CEP 69065100

BAHIA

SALVADOR - Rua Santa Clara, nº 16, Nazaré. pstubahia@gmail.com pstubahia.blogspot.com
CAMAÇARI - R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910 - Nova Vitória

CEARÁ

FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 - Benfica. (85) 3044.0056 fortaleza@pstu.org.br

JUAZEIRO DO NORTE - R. São Miguel, 45 - São Miguel. (88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul. (61) 3226.1016 | brasilia@pstu.org.br pstubrasilia.blogspot.com

GOIÁS

GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106, Lt- 28, casa 02 - Setor Leste Universitário. (62) 3541.7753 | goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, sala 10 - Monte Castelo. (98) 8812.6280/8888.6327 saoluis@pstu.org.br pstumaranhao.blogspot.com

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 - Vila Planalto. (67) 3331.3075/9998.2916 campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE - Edifício Vera Cruz, R. dos Goitacazes 103, sala 2001. bh@pstu.org.br | minas.pstu.org.br

BETIM - (31) 9986.9560

CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 - Eldorado. (31) 2559.0724

ITAJUBÁ - Av. Engenheiro Pedro Fonseca Paiva, 188/303 - Bairro Avenida. (35) 8402.1647

JUIZ DE FORA - Av. Rio Branco, 1310 (sobrado) - Centro. pstu16juizdefora@gmail.com

MARIANA - Rua Jequitibá nº41, Bairro Rosário. (31) 8837-0478 | pstumariana@gmail.

UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. (34) 3312.5629 | uberaba@pstu.org.br

UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ

BELÉM - Av. Almirante Barroso, Nº 239, Bairro: Marco. Tel: (91) 3226.6825

belem@pstu.org.br

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Av. Apolônio Nobrega, 117. Bairro Castelo Branco (83) 241-2368. joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - Av. Vicente Machado, 198, C, 201. Centro

MARINGÁ - R. Taí, 597, Sala 11. Centro. Sarandi-PR (44) 9963-5770 | (44) 9944-2375

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua do Príncipe, 106, Soledade, Recife-PE CEP 50050-410 pernambuco@pstu.org.br www.pstupe.org.br

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 421. teresina@pstu.org.br pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180 - Lapa. (21) 2232.9458 riodejaneiro@pstu.org.br | rio.pstu.org.br

MADUREIRA - Av. Ministro Edgard Romero, 584/302. Próx ao CDD Correios de Vaz Lobo.

DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro. d.caxias@pstu.org.br

NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633/308 - Centro. niteroi@pstu.org.br

NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de Macaé. (22) 2772.3151

NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 - Cordoeira

NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546 - Centro

VALENÇA - sulfluminense@pstu.org.br

VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43, sala 202 - Aterrado. (24) 3112.0229 | sulfluminense@pstu.org.br | pstusulfluminense.blogspot.com

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - Rua Letícia Cerqueira, 23. Travessa da Deodoro da Fonseca. (entre o Marista e o CDF) - Cidade Alta. (84) 2020.1290. Gabinete da Vereadora Amanda Gurgel : (84) 3232.9430. natal@pstu.org.br. psturn.blogspot.com

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243 - Porto Alegre. (51) 3024.3486/3024.3409 portoalegre@pstu.org.br pstugaucho.blogspot.com

GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105 - Morada do Vale I. (51) 9864.5816

PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom Guilherm. (54) 9993.7180

SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722

SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77 - Centro. (48) 3225.6831 floripa@pstu.org.br

CRICIÚMA - R. Imigrante Meller, 487 - Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579 pstu_criciuma@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO - saopaulo@pstu.org.br

CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento. (11) 3313.5604

ZONA LESTE - Rua Henrique de Paula França, 136 - São Miguel. (11) 99150 3515. CEP 08010-080

ZONA SUL - R. Julio Verne, 28 - Santo Amaro. (11) 99850 0170

ZONA OESTE - R. Alves Branco, 65 - Lapa de Baixo. (11) 98195 6893

BAURU - Rua 1º de Agosto, 4-47. Edifício Caravelas, 5º andar, Sala 503D. baurupstu@gmail.com

CAMPINAS - R. Saudanha Marinho, 990. (19) 3201.5672 | campinas@pstu.org.br

GUARULHOS - Cônego Valadão, 325, Gopoúva. (11) 4966.0484

MOGI DAS CRUZES - R. Prof. Floriano de Melo, 1213 - Centro. (11) 9987.2530

PRESIDENTE PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 101, sala 5 - Jardim Caiçara. (18) 3221.2032

RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos. (16) 3637.7242 | ribeirao@pstu.org.br

SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58 - Centro. (11) 4339.7186 | saobernardo@pstu.org.br pstuabc.blogspot.com

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista. (12) 3941.2845 | sjc@pstu.org.br

EMBU DAS ARTES - Av. Rotary, 2917, sobreloja - Pq. Pirajuçara. (11) 4149.5631

SUZANO - (11) 4743.1365 suzano@pstu.org.br

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto, 1538-b - Conjunto Orlando Dantas. (79) 3251.3530 | aracaju@pstu.org.br

50 anos de impunidade!

LUÍS CARLOS PRATES, da Comissão de Ex-presos políticos da Convergência Socialista (CS)

Diversas atividades estão sendo realizadas no ano em que se completam 50 anos do golpe militar. Por um lado, setores da extrema direita tentaram resgatar a "Marcha da Família com Deus e pela Liberdade" que correu em 19 de março de 1964. Contudo, a "reedição" da marcha resultou num verdadeiro fracasso, não mobilizando mais que poucas centenas no país inteiro.

Por outro lado, estão sendo realizado em todo país centenas de atos, debates seminários, e são organizadas diversas Comissões da Verdade nas cidades, sindicatos e universidades, que buscam trazer à tona as atrocidades cometidas pela ditadura militar.

É um verdadeiro absurdo que o Brasil seja o único país na America Latina onde ainda não houve a punição de nenhum militar, torturador ou agente da repressão pelos crimes que cometeram. Em diversos outros países, como Argentina e Chile houve prisões de generais que comandaram as ditaduras.

FIM DA LEI DE ANISTIA

No Brasil, os repressores se escondem atrás da Lei da Anistia, criada em 1979, na qual o regime se auto-anistia. Esta lei já foi condenada pela Corte Interamericana de Direitos Humanos.

O PSTU defende que haja uma revisão nesta lei e que sejam punidos os torturadores e seus mandantes. Neste sentido, os protestos contra o golpe devem fazer essa exigência e chamar a mobilização dos trabalhadores e da juventude

PATROCÍNIO DAS EMPRESAS

Um tema que sempre foi tabu e hoje começa ganhar peso é a participação das empresas no golpe militar. Diversos trabalhos tem comprovado o financiamento das empresas as atividades de repressão do regime militar. A OBAN (Operação Bandeirante) que reunia os órgãos de repressão para torturar e matar os oponentes do regime, era financiada por empresários, grande bancos e indústrias. Documentos do arquivo da ditadura que eram confidenciais, mas agora são públicos, mostram reuniões de empresas com os órgãos de repressão no qual delatavam trabalhadores que posteriormente perdiam o emprego ou eram presos.

> Diversos trabalhos têm comprovado o financiamento de empresas às atividades de repressão do regime militar.

As visitas ao DEOPS (local onde ocorria torturas e espancamentos de presos políticos) por parte de representante da FIESP (Federação das Industrias de São Paulo) eram constantes, conforme livro de registro entrada daquele órgão.

Até hoje nenhuma empresa foi punida por estes atos. Ao contrario, continuam sendo grandes empresas com grandes lucros no país, como é o caso da Volks, General Motors, Ford, Bradesco, Ultragás. É necessário exigir investigação das empresas que colaboraram com a ditadura militar e punição com o confisco parcial dos seus bens para fazer um fundo de indenização às vitimas do regime militar.

HERANÇA DA REPRESSÃO

A impunidade faz com que até hoje a violência policial e do Estado seja uma constante, principalmente nas periferias das grandes cidades, atingindo principalmente a juventude negra. Com as grandes manifestações de junho do ano passado, assistimos a um crescimento da criminalização dos movimentos sociais que, inclusive, se utilizam de mecanismos criados na ditadura militar como a Lei de Segurança Nacional.

O governo Dilma autorizou a utilização das Forças Armadas para conter manifestações durante a Copa e sancionou uma lei que permite a infiltração de policias em organizações de trabalhadores. Diversos projetos no Congresso Nacional propõe um endurecimento da legislação para impedir a livre manifestação. Por isto os protestos justos e legítimos contra o golpe militar de 1964, também devem se ligar à luta para acabar com todo o aparato de repressão montado contra os trabalhadores, o fim de todos os inquéritos que visam criminalizar os movimentos sociais e a garantia das liberdades democráticas. Ditadura nunca mais!

Conciliação de classes ainda sobrevive

Após 50 anos, uma das principais formulações que possibilitaram a derrota dos trabalhadores em 1964 ainda sobrevive. Uma versão piorada da política de conciliação de classe do velho PCB é hoje defendida pelo PT e seus governos. Ela se expressa na ideologia do "governar para todos" e tem como maior exemplo os mais de 10 de governo petista.

Mas não é possível "governar para todos". Ou se está do lado dos trabalhadores ou dos patrões. E o PT fez a opção de governar para as grandes empresas. Uma vez no poder, o PT sequer cogitou a possibilidade de realizar as reformas sociais que tanto defendia no passado. Passou a administrar uma política econômica que privilegia os lucros dos empresários, banqueiros e latifundiários, e a implementar as políticas sociais compensatórias defendidas pelo Banco Mundial, como o Bolsa Família.

O classismo é o reconhecimento de que, entre trabalhadores e patrões, existem interesses opostos, inconciliáveis. Hoje, o PT defende a conciliação e deseducam os trabalhadores dizendo que o classismo é coisa do passado. Para que a farsa da conciliação não se transforme em tragédia, à classe trabalhadora caberá, mais uma vez, o protagonismo na construção de uma alternativa de luta, classista e livre de qualquer conciliação com a burguesia.

O golpe de 1964 e a política de alianças com a burguesia

Da redação

No dia 31 de março, as tropas do Exército comandadas pelo general Olímpio Mourão Filho chegaram às ruas do Rio de Janeiro desfechando um golpe que instaurou um truculento regime militar no país por 21 anos.

Encurralado pelas suas próprias ações, o governo João Goulart foi derrubado por um uma "santa aliança" que reunia empresários, militares, igreja, imprensa, intelectuais conservadores, embaixada norte-americana, todos unidos contra a suposta "ameaça comunista" representada por Jango.

Cinquenta anos depois, que lições ainda podem ser extraídas dos acontecimentos que precederam o trágico 31 de março de 1964?

JANGO DIANTE DE UM ASCENSO REVOLUCIONÁRIO

Após a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, João Goulart foi empossado por meio de um acordo no qual seus poderes de presidente foram tolhidos por um "parlamentarismo" arranjado. Nos anos seguintes e, apesar da experiência parlamentar, Jango volta a ter plenos poderes após a realização de um plebiscito em que mais de 60% da população votaram pela volta do presidencialismo. No entanto, a realidade brasileira havia se transformado e o cenário político estava cada vez mais marcada por uma crescente ascenso revolucionário das massas trabalhadoras do país.

Entre os vários problemas que se destacam os aspectos de uma economia em franco declínio e de uma polarização social que multiplicava os elementos de incerteza econômica. Os problemas cambiais e da dívida externa, bem como do avanço da inflação, expressavam somente aspectos de um quadro amplamente descendente no terreno da economia.

Nas cidades, a classe operária lutava contra a carestia e por direitos sociais. Entre 1961 e 1964 quadruplicou o número de greves econômicas nos serviços e na indústria. Os grevistas chegaram a 5,6 milhões, caracterizando o maior ascenso grevista da história do país até aquele momento. Em outubro de 1963 ocorreu uma grande greve, conhecida como a greve dos 700 mil, resultado da unificação de diversas campanhas salariais de diversos setores operários. No campo, as Ligas Camponesas no nordeste e a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícola do Brasil (ULTAB), principalmente no sul, ocupavam terras e exigiam a reforma agrária. Mesmo sob a direção do PTB e dos pelegos, a ascensão das lutas era irresistível e acenderam o sinal de alerta na burguesia e, especialmente, no imperialismo.

Nesse período, os Estados Unidos incentivaram uma séria de golpes reacionários que alcançou, nos anos 1960 e 1970, a maior parte das nações latino-americanas. A revolução cubana havia alertado o imperialismo ianque que não toleraria o surgimento de mais um regime comunista no seu quintal.

APOIO DOS SINDICATOS

O governo Jango contava com o apoio do PTB (então um partido nacionalista, liderado até 1954 por Getúlio Vargas) que dirigia a maioria dos sindicatos do país. Também era apoiado pelo PCB que, mesmo na ilegalidade, mantinha ainda uma forte expressão no movimento dos trabalhadores da cidade e do campo. Contudo, mesmo contando com o apoio destas organizações, o governo não conseguiu conter as lutas dos trabalhadores.

Em resposta, Jango lança uma série de medidas conhecidas como Reformas de Base. Um programa reformista que defendia reformas estruturais (agrária, universitária, bancária etc.) pelo "caminho da paz e do entendimento", como dizia o próprio presidente. O problema é que as simples reformas propostas não podiam encontrar uma solução pacífica. Isso porque não havia nenhum setor da burguesia "antiimperialista" brasileira disposta a fazer tais concessões, como defendia, especialmente, a direção do PCB.

A POLÍTICA TRÁGICA DO PCB

Em 1964, vigorava entre os comunistas a linha política traçada na Declaração de Março de 1958. Por este documento, reconhecia-se, pela primeira vez, que o capitalismo se desenvolvia no Brasil – antes o PCB enxergava o Brasil como um país semifeudal. Contudo, pelo novo documento considerava-se que o desenvolvimento das forças capitalistas de produção era entravado pelo imperialismo norte-americano e, neste contexto, o proletariado e a burguesia se aliam em torno do objetivo comum de lutar por um desenvolvimento independente e progressista contra o imperialismo norte-americano.

Naquele momento, o PCB apontava que a contradição principal não era entre o capital e o trabalho, a burguesia e o proletariado, mas entre a Nação e o imperialismo. Por isso, era preciso, segundo o partido, apoiar uma suposta "burguesia progressista"" para que formassem uma "frente única"antiimperialista". Para o PCB, o caminho para a revolução brasileira seria "pacífico".

A nova linha do PCB, portanto, levou o partido a apoiar o governo Jango, visto como um representante da "burguesia progressista". Pesa também a orientação de Moscou a nova linha do partido. Como resultado de sua política internacional "independente", em 23 de novembro de 1961 Jango reatou relações diplomáticas com a URSS, rompidas no governo Dutra.

Entretanto, o resultado dessa política foi uma trágica passividade frente ao golpe militar. É bem conhecida a história de que muitos militantes do PCB acreditavam que os soldados do exército estavam nas ruas, nos dias 31 de março e 1° de abril, para "defender" o governo Jango.

O PCB pagou um preço caro por sua política. Nos anos seguintes, a organização se dividiu em diversas dissidências e organizações. A maioria seguiu para a construção da luta armada. Além disso, o partido sofreu pela dura repressão que se abateu sobre os trabalhadores e suas principais lideranças. Já a experiência da luta armada também se revelou um trágico equivoco e levou uma geração de lutadores para a prisão e a morte.

A estratégia do PCB se revelou um aspecto crucial da tragédia do dia 31 de março, e ajudou a paralisar a classe trabalhadora. Essa é uma das lições de 1964.

Uma estratégia independente, que empalmasse com os setores populares ansiosos por mudança poderia ter reescrito um outro final para os acontecimentos de 1964. Mas a estratégia comunista, que abria mão da independência política e buscava aliança com setores burgueses, confiando aí a sua sorte, conduziu a confusão, ao fracionamento e a liquidação.

Comperj: "O trabalhador está cansado de ser humilhado"

TRABALHADORES DO COMPERJ, entrevistados durante Encontro Nacional "Na Copa vai ter luta", falam sobre a greve que já dura 40 dias

Há mais de 40 dias, os operários do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj) estão com os braços cruzados. Em todos estes dias, os trabalhadores tiveram que enfrentar a repressão da polícia e a truculência do sindicato, filiado a CUT. No último dia 17, os operários resolveram votar o final da greve após o sindicato apresentar uma proposta da patronal. Dois dias depois, porém, descobriram que não havia proposta alguma. Tratava-se de mais uma mentira do sindicato. Revoltados, ocuparam os canteiros de obra e prometem sair somente quando tiverem suas reivindicações atendidas.
Presentes ao Encontro Nacional "Na Copa vai ter luta", o Opinião entrevistou sete destes operários. Por motivos de segurança, suas imagens e nomes reais foram omitidos.

DA REDAÇÃO

OPINIÃO - EM 40 DIAS DE GREVE, O QUE ESTÁ SENDO MAIS MARCANTE PARA VOCÊS?

"T.R" - Eu já estou acostumado a fazer luta de greve, mas tem outras pessoas que nem têm noção do que é uma greve. Nós tivemos algumas perdas, dois companheiros que foram baleados e outro que foi atropelado, nessa última assembleia, e veio a óbito. É muito triste porque a gente tem um sindicato pelego, que devia representar o trabalhador, e na verdade, está acontecendo isso tudo por causa desses caras e da patronal, que está vendo que o clima não está bom, e eles fingem que não está acontecendo nada.

O trabalhador está cansado de ser massacrados, de ser humilhados. A gente só quer o que é nosso por direito e eles acham que a gente tá pedindo muito. A gente constrói a toda a riqueza com a nossa mão de obra, com o nosso tempo, e ficamos com as migalhas.

Eles acham que estamos pedindo muito mas não é muito não. Estamos pedindo 15% de aumento, com cartão de alimentação de R$ 500,00 e ajuda de custo fora de campo. Setenta ou oitenta por cento dos trabalhadores do Complexo vêm de fora e o trabalhador precisa ver sua família.

E é muito mais triste porque a gente tem um sindicato que é mantido com as nossas contribuições mas que simplesmente não existe, que não é um sindicato atuante. Quando a gente vai procurar nossos direitos, somos ameaçados de morte. Eles querem dar tiro. É ditadura mesmo! Coisa que nunca vi em lugar nenhum em que eu passei: um sindicato que, quando vai fazer uma assembleia, coloca homens armados na frente do carro. Só eles que sobem, só eles que falam e ainda trazem uma corja da CUT, uns caras que não são comprometidos com o trabalhador, enganam o trabalhador.

EXPLIQUE MELHOR ESSES ATENTADOS

"S.D." - Foi quando nós íamos começar a organizar os ônibus e vieram dois caras numa moto, encapuzados, e começaram a atirar pra cima da gente e balearam dois operários. Um está muito mal e o outro foi baleado na mão. Eu tenho certeza de que a intenção deles era matar a gente. Foram dois operários que estavam sem receber há mais de dois meses, que estavam sem comida em casa, devendo aluguel.

Eu estou no Comperj desde 2009. Já participei de várias campanhas salariais, eu já vi muitas paralisações ali dentro, mas a que está acontecendo esse ano está muito mais radicalizada. O sindicato está se sentindo ameaçado, e por isso, está contratando bandidos armados e colocando no corpo de comissão de fábrica, no canteiro. Hoje, temos, lá, gente da comissão de fábrica andando armada e botando medo na gente.

Mas, mesmo assim, apesar de se sentirem incomodados, os operários não estão acomodados. O sentimento dos operários é de muita revolta e esse movimento não é de agora. Ele está vindo desde o ano passado quando um número enorme de canteiros começou as paralisações internas. Nós ligamos para o sindicato e eles não atendem, estamos comendo comida ruim; a água não é boa e trabalhamos com um Sol perto de 50 graus. Dá muita pena ver o peão ter que botar a camisa na cabeça e ficar só com o olho de fora pra se proteger do Sol. Dá muita pena ver o soldador todo vestido, trabalhando debaixo daquele Sol, e não ser recompensado por isso. Ganham um salário baixo e quando eles decidem lutar pelos seus direitos, vem os capangas do sindicato pra atirar no operário.

COMO COMEÇOU ESSE MOVIMENTO, QUANDO VOCÊS PERCEBERAM QUE ERA PRECISO FAZER A GREVE?

"M. F". - Esse movimento começou há uns três anos mais ou menos. A rapaziada organizava muita coisa através do Facebook: um canteiro se comunica com o outro. No Comperj, são vários canteiros espalhados, com uma área construída equivalente a cinco mil Maracanãs, e a galera levava panfletos escondidos na mochila pra ir "abrindo a cabeça" do trabalhador sobre o que estava acontecendo lá. Isto é o movimento Acorda Peão.

A CSP-Conlutas tem ajudado muito. Agora, com essa greve, tivemos a necessidade de criar um comando de greve para coordenar os piquetes, coordenar as ações de greve porque o sindicato, nos primeiros passos da greve, foi totalmente omisso. O único momento em que o sindicato apareceu foi quando chegou lá um carro da CUT, já no meio da revolta. E os trabalhadores revoltados incendiaram o carro da CUT.

COMO É SER MULHER NO COMPERJ E PARTICIPAR DESTA LUTA?

"M. B." - Ser mulher no consórcio e ser mulher na cozinha são coisa diferentes. Por ser a "mulher da cozinha" você já é olhada como inferior. Nosso salário é inferior aos pagos no consórcio e até mesmo as mulheres do consórcio olham as mulheres da cozinha como "diferentes". As mulheres do consórcio são conhecidas pelo que elas fazem, elas ganham o mesmo salário que os peões e nós da cozinha, além de sermos olhadas como inferiores, também temos um patrão que não reconhece nosso trabalho e esquece de entender que a cozinha é uma parte principal dentro do Comperj. Se parar a cozinha, se parar a comida, a obra para.

A gente da cozinha vive uma situação pior ainda do que os trabalhadores do Comperj, que estão correndo atrás dos seus direitos. Então, a nossa intenção na greve é chamar a atenção principalmente da empresa e da sociedade. A presidente [Dilma] está aí falando que março é o mês das mulheres e eu queria que ela me mostrasse aonde que está esse "mês das mulheres" se a gente continua ganhando salário inferior. O nosso vale alimentação, que era de R$ 103, aumentou só pra R$ 120. Tivemos R$ 40 de aumento no nosso salário que foi de R$ 792 pra R$ 800 e pouco. Nós queremos ter o direito de ter pelo menos um salário mínimo, igual ao do Comperj.

VOCÊS JÁ PARTICIPARAM DE ALGUMA OUTRA GREVE?

"O. G."- Essa é a segunda greve da qual eu participo no Copmperj e, agora, tenho mais conhecimento da luta. Estamos tentando tirar esse sindicato daí. Mas, com a cabeça no lugar, sempre tendo alguém liderando o pessoal pra ninguém dizer que somos baderneiros, que vamos quebrar isso ou aquilo, porque sabemos que com força de vontade, com consciência, podemos chegar em determinado lugar.

VINY PSOA

Fotos: Jeferson Choma

"Dilma, escuta, na Copa vai ter luta!"

Encontro Espaço Unidade de Ação, "Na Copa vai ter Luta" reúne 2.500 ativistas e aprova calendário de lutas.

Da Redação

Unidade e muita disposição para lutar. Essa foi uma das principais características do Encontro Espaço Unidade de Ação, "Na Copa vai ter Luta", realizado no último dia 22, na quadra do Sindicato dos Metroviários de São Paulo. 2.500 pessoas do país inteiro participaram, entre representantes de entidades sindicais, dos movimentos sociais, do movimento estudantil e das diversas categorias em luta.

UM ENCONTRO QUE REUNIU TODOS OS QUE LUTAM

Um dos momentos mais marcantes do Encontro ocorreu já em sua abertura, na manhã do dia 22. A presença de uma delegação dos garis do Rio de Janeiro, que realizaram uma heróica greve contra o prefeito Eduardo Paes (PMDB) fez o auditório explodir.

Chamados para compor a mesa de abertura, os garis foram aplaudidos. Alguns na platéia choraram. Na hora de falar tremia muito, como se fosse a primeira vez em que falava para um público tão grande. Quando chegou à mesa sintetizou: "Hoje, eu tenho orgulho de ser gari". A quadra parecia que ia vir abaixo.

Emocionado, Célio, representante dos garis do Rio, explicou os momentos de tensão durante a dura negociação com a patronal, quando descobriu a solidariedade massiva que cercava o movimento. "Foi ali, no prédio da Justiça do Trabalho, que descobrimos que a nossa luta não era só nossa, dos garis, mas de todos os movimentos sociais", disse.

Outro grande momento foi a fala dos trabalhadores do Comperj (Complexo Petrolífero do Rio de Janeiro), em greve há mais 40 dias. Os operários se revoltaram contra a CUT, porque entenderam que a central não representa mais os trabalhadores. "Essa greve não é só por 15% de aumento, mas para mostrar para Dilma que quem manda é a classe operária", afirmou um dos operários sob os clamores do plenário. "Não é mole não, a greve operária é tsunami de peão!", gritavam.

As entidades que compõem o Espaço Unidade de Ação, como a CSP-Conlutas, a Condsef, a Federação dos Trabalhadores Assalariados Rurais do estado de São Paulo (Feraesp), a corrente "CUT Pode Mais" expressaram um balanço positivo da atividade.

"O Encontro foi capaz de fazer a síntese das diferenças, aqui não teve rotulações, nem ultimatos, mas sim unificando aqueles que querem lutar. Isso para nossa avaliação é mostrar que é sim possível fazer luta nesse país. O que nos unifica é a luta de classes e a vontade de combater o capitalismo, a burguesia e trazer vitórias para a sociedade", afirmou Rejane Alves, da CUT Pode Mais.

A dirigente do PSOL, Luciana Genro, do Movimento de Esquerda Socialista (MES), por sua vez, tornou pública a decisão da corrente de se integrar à CSP-Conlutas e falou sobre o processo de reorganização e o impacto de junho. "As jornadas de junho, com seu levante popular e estudantil não foi qualquer coisa, foi a primeira vez na história que uma direção política não teve controle sobre um movimento social tão importante", disse.

Já Aparecido Bispo, da Feraesp, denunciou a farsa da reforma agrária do governo Dilma, que chamou de "migalha agrária". Sérgio Ronaldo, da Condsef, que reúne os sindicatos dos servidores federais dos estados, deu uma boa notícia à plenária. "A partir de agora não pode mais se referir à 'maioria da Condsef' ao se referir ao Espaço Unidade de Ação, mas à Condsef como um todo, pois aprovamos nossa incorporação no último Congresso".

Já Sandra Quintela, coordenadora do Jubileu Sul, que anunciou sua adesão ao Encontro, chamou a unidade para lutar no próximo período. "Não pagaremos e não devemos pagar a Conta da Copa. Na copa vai ter luta".

INTERNACIONALISMO PRESENTE

O encontro também foi uma lição de solidariedade de classe internacional. Dois ativistas da África do Sul, Thando Manzi, do movimento estudantil, e o representante da organização sindical dos metalúrgicos NUMSA, Hlokoza relataram a situação de seu país na Copa do Mundo de 2010. Lá, muitas mobilizações e greves também aconteceram contra o mundial.

PASSEATA

Durante o Encontro, os participantes realizaram um ato público que parou a Radial Leste, uma das principais avenidas de São Paulo, por cerca de meia hora. "Dilma, escuta, na Copa vai ter luta", "É ou não é piada de salão, tem dinheiro para a Copa mas não tem para educação", foram as plavaras de ordem entoadas pelos manifestantes.

Os participantes ainda tiveram forças para se reunir em grupos temáticos que discutiram, entre outros temas, as opressões, a criminalização dos movimentos sociais, a educação pública e os serviços públicos de forma geral. Os grupos apresentaram propostas que devem servir de base para a realização de encontros regionais.

No final do encontro, um manifesto foi aprovado por aclamação, com calendário e plano para reeditar, durante a Copa do Mundo, as jornadas de junho e julho de 2013. "Lançamos este Manifesto como um chamado a todos e todas que neste país querem lutar por uma vida melhor", diz o texto. Entre outras coisas, estão previstas mobilizações nacionais no dia 12 de junho, estreia da Copa do Mundo.

Mulheres de luta

Muitas atividades realizadas no encontro foram marcada por forte emoção. Uma dela foi a lembrança da morte da companheira Sandra Fernandes, professora do Recife e militante do Movimento Mulheres em Luta (MML), assassinada por um brutal ato de covardia e machismo. Outra mulher, Cláudia Silva Ferreira, mulher negra assassinada pela PM do Rio e arrastada pelas ruas, também foi muito lembrada em cada atividade.

Encontro expressou lutas mais importantes do último período

SEBASTIÃO CARLOS 'CACAU', da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas

O final de semana de 21 a 23 de março de 2014 ficará marcado nas mentes de milhares de ativistas como dias memoráveis. Cerca de 3.500 ativistas, vindos de todos os cantos do país, se reuniram em diversas atividades para organizar as lutas do primeiro semestre de 2014, e, em especial, as mobilizações durante as Copa do Mundo.

A grande mídia, com a Revista Veja à frente, tentou forjar uma situação de terror e medo cercando os encontros. Foi seguida pela Rede Record e Bandeirantes na divulgação de mentiras contra o Encontro Nacional do Espaço de Unidade de Ação, a principal atividade unitária do final de semana.

Mas a ofensiva desses setores não foi capaz de impedir os encontros. Mil estudantes de 23 estados fizeram a maior Assembleia Nacional da ANEL, 400 trabalhadores compareceram à Coordenação Nacional da CSP-Conlutas, 1.200 negros e negras e apoiadores da luta antirracismo realizaram uma das maiores e belas atividades do movimento negro em nosso país.

E, no sábado, dia 22, mais de 2.500 ativistas realizaram o "Encontro Nacional Na Copa vai ter luta", na Quadra do Sindicato dos Metroviários de São Paulo.

As resoluções políticas desses encontros expressam uma grande vitória e um avanço importante na unificação de diversos setores, de distintas tradições e experiências.

UM ENCONTRO COM AS LUTAS

A realização do encontro, por si só, já foi uma vitória. Mesmo com a ofensiva desencadeada contra a sua realização, a coordenação do encontro deliberou que esse seria mantido, mesmo que fosse necessário modificar o formato, fazer uma assembleia popular, em praça pública, ou ainda, transformá-lo numa manifestação de denúncia da criminalização e desmandos da Copa.

Mas o que ocorreu foi o contrário. A militância dos distintos setores, num exemplo de maturidade e compromisso de classe, garantiu a realização do Encontro, mesmo com inúmeras limitações organizativas, o espaço reduzido e o calor forte. Calor que aumentava a cada intervenção.

PRESENÇA DOS LUTADORES

Mas o ponto alto da abertura foi a presença dos representantes das greves mais importantes que ocorreram no último período: os operários das obras do Comperj, os rodoviários de Porto Alegre e os garis da Comlurb do Rio de Janeiro. Todas essas greves tiveram uma característica comum: rebeliões de base que ultrapassaram as direções sindicais burocráticas, impondo, no caso dos garis, uma colossal vitória política e econômica frente ao governo, tornando-se um símbolo para todos os trabalhadores, mais significativa ainda pela composição negra da categoria, muito estigmatizada e discriminada, mas que conseguiu, em pleno carnaval, o apoio da população às suas reivindicações.

O Encontro foi todo marcado por essa força de atração e representatividade das lutas recentes mais importantes. Havia ainda representantes da saúde pública federal do Rio de Janeiro, dos técnicos administrativos das universidades – base da Fasubra (Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Universidade Brasileiras), do monotrilho de São Paulo, dos trabalhadores em educação de diversos estados, das ocupações urbanas, como as de Osasco (SP) e Contagem (MG), dentre outras, e uma infinidade de movimentos e organizações.

PRÓXIMOS PASSOS

O Encontro foi muito representativo e demonstrou o fortalecimento e a consolidação da CSP-Conlutas como o principal pólo da reorganização, permitiu avançar nos acordos com os demais setores e votou um plano de lutas para o primeiro semestre e a Copa, abrindo novas perspectivas no processo de reorganização, seja pelo fortalecimento e integração dos novos setores à CSP-Conlutas, seja pela ampliação do campo de unidade para a luta que vem sendo construído, que conta agora com a participação do Jubileu Sul.

E teve ainda a presença dos representantes da ANCOP (Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa), que teve uma importante participação nas jornadas de junho. Um calendário comum com esse setor foi acertado, bem como o fortalecimento de sua plenária nacional, que acontece no início de maio.

A militância presente ao encontro deve se sentir orgulhosa. Cada um e cada uma que se desdobrou para viajar, alguns cruzando o país de ônibus, aqueles que representaram as posições em debate, os organizadores das delegações, os agitadores e programadores culturais, os responsáveis pela segurança.

Como disse um ativista ao término dos trabalhos, ao som do batuque dos tambores de Minas, "como ninguém nos disse que era impossível, fomos lá e fizemos!".

Foto: Jeferson Choma

Agenda de lutas aprovada no Encontro

Abril e Maio: Realização dos encontros plenárias nos estados para organizar o calendário de lutas. Jornada de lutas convocada por vários segmentos do movimento popular para defender o direito à cidade (moradia, transporte e mobilidade, saneamento etc.).

Abril: Realização de um ato nacional contra a criminalização das lutas, dirigentes e ativistas, da população pobre e de periferia, vinculando ao aniversário dos 50 anos do golpe militar de 1964. Ampliar essa iniciativa para além dos movimentos sociais, procurando outras entidades como a OAB, ABI, Comissão Justiça e Paz, Comissões de Direitos Humanos etc.

28 de abril: Dia de luta e denúncia dos acidentes de trabalho.

1º de maio: O Dia Internacional do Trabalhador/a será com a organização e participação em atos classistas.

1º a 3 de maio: I Encontro de Atingidos por Megaeventos e Megaempreendimentos (Belo Horizonte – MG).

15 de maio: Dia Internacional contra as Remoções da Copa.

12 de junho: Abertura da Jornada de Mobilizações "Na Copa vai ter luta", com grandes mobilizações populares em todas as grandes cidades do país.

Período dos jogos da Copa: realização de manifestações nos estados conforme definição dos encontros e plenárias estaduais

15 e 16 de julho: Mobilizações contra a Cúpula dos BRICS (Fortaleza).

1º a 7 de setembro: Semana da Pátria e Grito dos/as Excluídos/as, com o lema: "Ocupar ruas e praças por liberdade e direitos".

"Podemos afirmar que este encontro já é histórico"

Confira entrevista com Zé Maria, pré-candidato à presidência pelo PSTU, realizada logo após o encontro

Zé Maria durante a abertura do encontro

Fotos: Romerito Pontes

QUAL É A SUA AVALIAÇÃO SOBRE O ENCONTRO?

Zé Maria - O Encontro foi muito importante em vários aspectos. Foi o primeiro encontro realizado após as Jornadas de Junho que buscou aglutinar o conjunto das forças sociais e políticas que estão lutando no país. Talvez este seja o primeiro aspecto a se destacar sobre o Encontro. Houve uma junção quase daquilo que são as expressões das mobilizações de junho, fundamentalmente encabeçadas pela juventude estudantil, pela juventude pobre e trabalhadora, com as experiências mais clássicas de organização de luta da classe operária. Eu diria que foi uma expressão daquilo que foram as lutas de junho juntamente com as expressões do que foi o ascenso da década de 70 e 80 no Brasil. E que se materializou naquilo que foi a mesa de abertura do Encontro e que nós tivemos de um lado as falas da ANEL, do Juntos, outra organização da juventude que está se integrando à CSP-Conlutas, e de outro lado, as falas dos garis, dos operários da Comperj e dos rodoviários de Porto Alegre, que inundaram o encontro com a força da luta dos operários e da classe trabalhadora em geral.

O segundo elemento é que o Encontro foi muito representativo. Ele conseguiu aglutinar no mesmo local todas as forças que estão lutando hoje no Brasil para debater uma mesma situação política e construir um mesmo plano de lutas, um mesmo calendário de mobilização. Para defender os direitos da classe trabalhadora e também para enfrentar o modelo econômico imposto pelos governos, tanto o governo federal do PT quanto o modelo que os governos estaduais aplicam no país. Tivemos no Encontro a CSP-Conlutas e os aliados que tem trabalhado com a Central nos processos de lutas que vínhamos construindo nos últimos anos como a CUT Pode Mais, a Consdef, a Feraesp, a Conafer e também uma grande gama de movimentos populares e sociais que lutam na periferia das grandes cidades. O encontro teve ainda a presença do Jubileu Sul, que representa e organiza uma boa parte dos movimentos sociais ligados à Igreja católica do Brasil, da ANCOP, Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa.

O ENCONTRO VOTOU UM PLANO DE LUTAS COMUM. QUAL É O SEU OBJETIVO?

Este plano de lutas se conseguirmos colocá-lo em prática, tem dois objetivos importantes: o primeiro é apoiar e fortalecer as lutas que estão em curso. E o segundo é catalisar o descontentamento e o conjunto de mobilizações que ocorrem neste momento para construirmos um processo de mobilização política nacional unificado durante o período da Copa. As grandes manifestações que estão sendo convocadas para o dia 12 de junho no país inteiro fazem parte desta iniciativa de unir e nacionalizar a luta da classe trabalhadora e da juventude para enfrentar o atual modelo econômico implementado no país que hierarquiza a distribuição da riqueza em primeiro lugar para bancos e empreiteiros e nunca para saúde, educação, moradia, reforma agrária e transporte.

> Foi o primeiro encontro realizado após as Jornadas de Junho que buscou aglutinar os que estão lutando no país

Ao mesmo tempo, é uma forma dos movimentos se defenderem da onda de criminalização que é a tentativa dos governos de conter a mobilização dos trabalhadores, através da força já que eles não querem atender as reivindicações e não podem porque tem compromisso com as grandes empresas e bancos.

Um exemplo talvez mais agudo desse processo neste momento seja o inquérito no Rio Grande do Sul que acusa os dirigentes do Bloco de lutas de formadores de milícias e ladrões. Aqui em São Paulo já são mais de 300 ativistas que podem também ser indiciados por inquéritos policiais pelo simples fato de lutarem. A forma do movimento de enfrentar esta situação evidentemente não vai ser de parar a luta e nem de se intimidar perante a onda de criminalização. Tem que ser de intensificar o processo de mobilização. Tragicamente, isso ocorre quando se completam 50 anos do Golpe Militar. Temos que exigir do governo que faça o contrário do que está fazendo hoje. Ao invés de criar mais leis para criminalizar os movimentos sociais, que o governo puna os torturadores e todos aqueles que cometerem crimes contra o povo brasileiro no período da ditadura militar. Hoje, o que está sendo feito é criminalizar os movimentos da mesma forma que a ditadura fez.

O PLANO DE LUTAS PODERÁ ENTÃO APONTAR PARA FORTALECER UMA ALTERNATIVA PARA OS TRABALHADORES?

Sem dúvida. O encontro teve sua importância porque o plano de lutas que foi construído permite dar continuidade ao processo de luta que ganhou intensidade e radicalidade depois das mobilizações de junho e, principalmente, de forma unificada durante a Copa. Se conseguirmos fazer isso e tiver uma dimensão grande no país, isto pode nos permitir dar um passo adiante no enfrentamento com o modelo econômico do governo e, por outro lado, dar um ponto de apoio importante para fortalecer uma alternativa da classe trabalhadora no novo cenário político do Brasil. Uma alternativa da nossa classe contra tudo isto que aí está não vai se construir e se firmar se não for forjada num amplo processo de mobilização social. Os passos que foram dados neste Encontro são muito importantes para isso.

Por essas razões, podemos afirmar que este encontro já é histórico.

PAOLLO RODAJNA

Um Encontro em que ecoou o grito de Palmares

Primeiro Encontro Nacional do Setorial de Negras e Negros da CSP-Conlutas contou com 1.426 inscrições de ativistas de todo o país para debater e organizar a luta contra o racismo e a exploração

DA REDAÇÃO

A quadra do Sindicato dos Metroviários de São Paulo se transformou num grande quilombo. O I Encontro Nacional de Negras e Negros da CSP-Conlutas, realizado no dia 23, contou com 1.426 inscrições de ativistas de todo o país para debater e organizar a luta contra o racismo e a exploração.

Com o tema de "Chega de racismo, violência, exploração e dinheiro para a Copa", o Encontro serviu para organizar as mobilizações durante os jogos do mundial, sob uma perspectiva de raça e classe, e para discutir como dar continuidade às lutas através do avanço da organização de negros e negras no interior das estruturas da central e junto a outros movimentos e coletivos que compuseram o Encontro.

Na abertura dos trabalhos, destacando o caráter "ancestral" e internacional da luta negra, Wilson Honório, da direção da Secretaria de Negros e Negras (SNN) do PSTU e do Quilombo Raça e Classe da CSP-Conlutas, emocionou a todos quando anunciou a composição simbólica da mesa, para qual foram convidadas personalidades históricas como Zumbi dos Palmares, Dandara, Toussaint Louverture (dirigente da revolução haitiana), Rosa Parks, Steve Biko, Edson Néris (gay assassinado em São Paulo), Carolina de Jesus, Solano Trindade e Cláudia Silva Ferreira, dentre outros.

Na sequência, Júlio Condaque, também dirigente da SNN e do Quilombo, frisou: *"Hoje, esse Encontro sela um desafio que também foi discutido no Espaço de Unidade de Ação: unificar todos os lutadores contra a Copa e contra o racismo, apresentando-lhes uma alternativa de organização, independente dos governos e dos patrões. Por isso esse Encontro vai apontar uma direção, uma alternativa para negros e negras que estão buscando um espaço para organizar suas lutas. Para nós, que temos mais tempo de luta, esse Encontro representa um marco. Podem ter certeza que nós incomodamos o governo"*, ressaltou.

"A NEGRITUDE QUE VAI LUTAR É QUILOMBOLA, SINDICAL E POPULAR"

A palavra de ordem reflete a principal característica do Encontro: a unidade de raça e classe como única forma de se combater o racismo e pôr fim à exploração. *"A emoção é muito forte. Nós não queremos só trabalhadores aqui. Também queremos espaço para os oprimidos. Somos nós que estamos submetidos a todo o tipo de exploração e opressão. Somos aqueles e aquelas que são transformados em mercadoria. Temos que disputar nossos espaços. A nossa cultura é de resistência, para que negros e negras possam se reconhecer na sua história que é própria história da classe trabalhadora"*, disse emocionada Helena Silvestre, do movimento Luta Popular.

Também compuseram a mesa de abertura, Antonio Lambão, representante do Moquibom do Maranhão, Gean Santana (ANDES-SN), Nelson Morale, da Frente Nacional em Defesa do Território Quilombola, Eugênia Martins (GT de Gênero e Raça do Sinasefe), Maristela Farias (Comissão Organizadora do Encontro) e Tamiris Rizzo, do Quilombo Raça e Classe.

Relembrando os recentes e chocantes casos de racismo e o brutal assassinato do pedreiro Amarildo e da auxiliar de limpeza Claúdia, Tamiris destacou que a Copa no Brasil tem revelado ao mundo os problemas sociais do país, inclusive o racismo, e criticou o governo do PT que, em mais de dez anos, nada fez à população negra. *"O governo não foi capaz de acabar com a desigualdade entre negros e não negros. Ainda ganhamos, em média, 30% a menos que os não-negros. Isso ocorre porque o governo privilegia banqueiros e empresários, e não os trabalhadores negros e negras. E, por isso mesmo, é fundamental uma unidade de raça e classe, na Copa e depois dela"*, disse.

Para expressar esta unidade, ainda na abertura os participantes ouviram as saudações do Movimento Mulheres em Luta (MML), do Setorial LGBT da Central e de delegações do Comperj (Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro) e de garis, em greve, de Niterói, representados por Fernando, que destacou: "Estou nessa luta, pois quero estar junto aos negros e negras e alcançar o que é de cada um de nós".

Ao final, o plenário foi saudado pelos representantes da África do Sul, Thando Manzi (militante dos movimentos estudantil e popular) e Hlokosa Montau (sindicalista metalúrgico do NUMSA). A abertura foi encerrada com um minuto de silêncio em homenagem a todos negros e negras que tombaram na luta contra a opressão e a exploração e, particularmente, ao povo do Haiti, cuja ocupação, por tropas brasileiras, a mando do PT, completa 10 anos.

Amandla Awethu! O poder é nosso!

A abertura oficial do Encontro de Negros e Negras da CSP-Conlutas ocorreu no dia 21 de março, transformado em Dia Internacional de Combate ao Racismo em homenagem aos mortos do Massacre de Shaperville, que ocorreu em 1960, na África do Sul, quando 69 jovens e trabalhadores foram mortos em um protesto contra a "lei dos passes" que restringiam a circulação de negros e negras.

Repetindo o grito de guerra que marcou a luta contra o sistema racista em seu país, Hlokosa Montau e Thando Manzi traçaram vários paralelos entre a África do Sul e o Brasil, destacando que estas semelhanças vão para muito além do desvio de dinheiro público e do confisco de direitos para a realização da Copa do Mundo.

"Brasil e África do Sul têm muito em comum, como a desigualdade social e o racismo e, enquanto o governo sul-africano encheu os bolsos da FIFA durante a Copa, as nossas escolas mantém um dos piores índices do mundo", destacou Manzi.

NÃO HÁ CAPITALISMO SEM RACISMO

Já Hlokosa, depois de destacar os enormes sofrimentos que foram impostos aos sul-africanos pelo apartheid, denunciou como, hoje, o partido que governa o seu país, o Congresso Nacional Africano (CNA), traiu as enormes expectativas que o povo depositou neles e, na prática, não destruiu a estrutura segregacionista: *"O apartheid acabou, mas o sistema que o gerou continua existindo. Se não esmagarmos o capitalismo, esse sistema opressor seguirá existindo"*.

Chega de racismo, violência e exploração

Foto: Romerito Pontes

WILSON H. DA SILA, da Secretaria de Negras e Negros do PSTU

Um Encontro histórico. Uma enorme vitória para o combate ao racismo no Brasil. Estas foram algumas das frases mais ouvidas no decorrer do dia 23 de março. E não há como se negar. Histórico e vitorioso, não só pelo número de participantes, mas também pelo seu caráter, suas deliberações e a alternativa de organização que, hoje, a CSP-Conlutas oferece a negros e negras no combate ao racismo.

Em primeiro lugar, os cerca de 1500 participantes do Encontro, significaram um marco na história recente do movimento negro brasileiro, ao realizarem uma das maiores reuniões de negros e negras da última década.

Contudo, ainda mais importante que os números, foram o caráter, o sentido político e as resoluções do Encontro. Extrapolando as fronteiras da CSP-Conlutas, assim como aconteceu no Espaço Unidade de Ação, a atividade contou com a participação de várias entidades e ativistas que ainda não são filiadas à Central, como coletivos universitários; entidades do movimento negro, quilombola e de povos originários; grupos culturais e ativistas independentes.

Ativistas, muitos dos quais estiveram pela primeira vez em uma atividade semelhante, que viram no Encontro exatamente aquilo que jamais poderia surgir nas conferências do Seppir ou nas atividades organizadas pelas direções tradicionais do movimento negro, hoje, lamentavelmente, na sua maioria cooptados para o projeto petista: a possibilidade de debater e combater o racismo de forma independente, tanto dos patrões quanto do governo.

UM ENCONTRO NEGRO, CLASSISTA, LGBT, CULTURAL, INTERNACIONALISTA, FEMINISTA....

Divididos em treze grupos de trabalho – em torno de temas como ações afirmativas, cultura e arte, juventude, educação, LGBT's, moradia e movimento popular, mulheres, quilombolas, saúde, movimento operário e transporte, dentre outros – os participantes do Encontro puderam trocar experiências e discutir propostas concretas de combate ao racismo a serem encaminhadas para suas entidades.

Além do riquíssimo debate que ocorreu nestes grupos, o Encontro já teve como resultado imediato articulação dos companheiros e companheiras que, a partir de agora, irão se debruçar sobre estes temas, oferecendo subsídios para nossa atuação nestes diversos setores.

Contudo, o principal saldo do Encontro está expresso nas resoluções que foram aprovadas na plenária final e que, em grande medida, sintetizam os debates realizados. Uma contra a violência racista; outra, com medidas para avançar na organização de negros e negras na base da CSP-Conlutas e demais entidades que compuseram o Encontro.

"NÃO É MOLE NÃO! É RAÇA E CLASSE CONTRA A VIOLÊNCIA, A COPA DO PATRÃO!"

Considerando que a Copa do Mundo é um momento em que as políticas racistas, higienistas e repressivas do governo tendem a aumentar ou ainda mais os casos de racismo e a violência empregada contra a população negra e pobre, os participantes do Encontro aprovaram a realização de uma campanha em torno do tema *"Chega de dinheiro para os patrões, os banqueiros e a FIFA: contra violência racista na Copa!"*.

Essa campanha deverá ser realizada na base da CSP-Conlutas, em aliança com as organizações que se articularam em torno do Espaço Unidade de Ação e demais setores e movimentos que estiveram na atividade, englobando todos os aspectos da violência (inclusive a provocada pela falta de acesso aos serviços públicos básicos), mas centrada no tema do genocídio negro e do avanço do aumento da repressão e da militarização.

Dentre os vários temas em que a campanha se desdobrará, incluem-se a luta pela desmilitarização das polícias, visando o fim de todas elas; a luta contra o turismo sexual e a violência à mulher negra; a defesa dos ativistas criminalizados pelo Estado e a luta pela descriminalização das drogas e fim do tráfico (usados como "justificativas" para o extermínio da população negra).

Também foi aprovado que a Campanha irá tomar como base o calendário de lutas que foi aprovado no Encontro do Espaço Unidade de Ação, o que significa, por exemplo, na confecção de faixas voltadas para o tema para os atos, a formação de colunas de negros e negras nestas atividades e a inclusão dos temas da Campanha em todos os materiais e debates que sejam promovidos neste período.

"PRA NOSSA LUTA FORTALECER, É QUILOMBOLA, RAÇA E CLASSE NO PODER"

Ainda no ato de abertura, no dia 21, Vera Rosane, militante do Quilombo Raça e Classe e do MML, lembrou que o assassinato da auxiliar de limpeza Claudia é um lamentável exemplo de como *"nós mulheres negras vivemos um requinte de crueldade praticada pelo Estado"*. O mesmo Estado capitalista que, para satisfazer a ganância de empresários e banqueiros, pratica toda e qualquer tipo de violência contra o povo negro.

Por isso mesmo, como também lembrou Vera, a única forma de combater esta situação é através de uma luta que combine o combate a exploração à luta contra opressão, pois, "quando a senzala se levanta, não fica pedra sobre pedra, como os companheiros e companheiras garis mostraram tão bem".

Foi exatamente com este sentimento que os participantes encerraram festivamente o Encontro. Com a certeza de que, neste fim de semana, a "senzala", se levantou em forma "quilombo", naquilo que ele mais representa: a possibilidade de organização independente, livre, distante das correntes dos "sinhozinhos" e seus "capitães do mato" alojados nos governos de plantão. ■

PSTU: um instrumento na luta contra o racismo

Durante o intervalo do almoço, o PSTU, realizou uma atividade para apresentar o partido e sua história de luta contra o racismo, particularmente através de sua Secretaria de Negros e Negras.

Lembrando que as raízes do capitalismo literalmente se confundem com as correntes que aprisionaram negros e negras aos navios negreiros e senzalas, os representantes do partido destacaram que esta é uma luta que, exatamente pelo seu caráter, exige muito mais que a atuação nos movimentos isolados.

E mais: é uma luta fundamental para o destino da humanidade, pois, como escreveu Leon Trotsky: são os oprimidos desse oceano humano constituído pelas raças "não-brancas" que terão a última palavra sobre desenvolvimento da humanidade.

Assembleia Nacional da ANEL reúne mais de mil estudantes

A oitava Assembleia Nacional foi a maior da história da entidade e preparou um plano de lutas para 2014

SHUELLEN PEIXOTO, Secretaria Nacional de Juventude do PSTU

Mais de mil estudantes de 23 estados do Brasil reuniram-se nesta sexta-feira, 21, de março, para a 8ª Assembleia Nacional da ANEL. O evento aconteceu na Tenda Ortega y Gasset, localizada no campus Butantã da Universidade de São Paulo.

O número de participantes superou, em muito, as expectativas da organização. Foram credenciados 900 pessoas, porém, ao longo do dia, muitos outros estudantes não credenciados passaram pelo evento. A delegação de Porto Alegre, com dezenas de ativistas, nem conseguiu chegar, por conta de problemas na viagem.

Foi a maior Assembleia da história da entidade. A capacidade do auditório não passava dos 600 lugares, mas os estudantes não se intimidaram, sentaram no chão e permaneceram, com a alegria e disposição de quem estava ali para fazer um movimento estudantil diferente, democrático e independente.

COPA PRA QUEM?

A Assembleia foi aberta ao som das vozes dos ativistas presentes que gritavam: *"Dilma, escuta: na copa vai ter luta"*. Lucas Brito, da Comissão Executiva Nacional da ANEL, abriu as atividades falando da sua importância na conjuntura de lutas em que o país vive. *"Em junho, vimos a Copa das Confederações transformar-se na Copa das grandes mobilizações. O Brasil dos mega negócios transformou-se no Brasil dos mega protestos. Por isso, não somos mais a juventude que vai fazer o futuro, o futuro é agora e ninguém segura os nossos sonhos. Estamos aqui porque junho e o Brasil merecem uma entidade livre das amarras do governo federal"*, destacou.

A mesa de abertura, com o tema *"Copa para quem? Brasil com direitos, saúde e educação"*, contou com a participação de representantes da CSP-Conlutas, Movimento Mulheres em Luta (MML), ANDES, Movimento Nacional Quilombo Raça e Classe, Movimento Luta Popular, Juventude às Ruas, além de Henrique Carneiro e Claudia Moraes, professores da USP e UNIFESP, respectivamente.

Também esteve presente Thando Manzi (na foto ao lado), ativista da África do Sul, que fez uma exposição sobre todos os problemas que foram enfrentados em seu país durante a realização da Copa, a exemplo das remoções de famílias que moravam em favelas próximas aos estádios, aumento do desemprego e etc. *"Na África do Sul, a grande questão colocada era: quem ganha com a Copa do Mundo, o povo ou a FIFA? Hoje, essa é a mesma questão que está colocada para os brasileiros"*, afirmou.

Ainda na abertura, ativistas dos movimentos Levante Popular da Juventude, Território Livre, RUA - Juventude Anticapitalista e da FENET, que não constroem a ANEL, fizeram saudações à Assembleia e ressaltaram a importância do espaço para a construção de um movimento unificado em torno das pautas da esquerda.

NESSA COPA, A JUVENTUDE VAI À LUTA!

A plenária final da Assembleia Nacional votou um calendário de lutas e três grandes campanhas para o próximo período. A principal campanha nacional a ser tocada pela entidade é "Na Copa vai ter luta!", denunciando o repasse de verbas públicas para a FIFA e as empreiteiras, enquanto faltam verbas para educação, saúde, transporte, moradia, etc. A campanha será construída em conjunto com os parceiros do Encontro do Espaço de Unidade de Ação, que foi realizado no sábado, dia 22 de março.

NÃO AO TURISMO SEXUAL!

Ainda sobre a Copa do Mundo, foi aprovada a campanha "Das Cantadas ao Turismo Sexual, as mulheres dão um Basta!", já que o histórico da realização deste evento em outros países comprova um aumento da exploração e do turismo sexual. No país onde uma mulher é estuprada a cada 12 segundos, o governo investe 0,26 centavos por mulher no combate a violência. Enquanto isso, bilhões de reais são destinados à construção de estádios ou deixam de ser arrecadados com a isenção de impostos à FIFA. A iniciativa será construída enquanto parte da campanha contra a violência à mulher, que só está sendo desenvolvida pelo MML.

LUTAR NÃO É CRIME!

A segunda grande campanha aprovada pela 8ª Assembleia Nacional é "Lutar Não é Crime!" que será construída em unidade com entidades sindicais e movimentos populares. Fomos às ruas, desde junho passado, exigir mais saúde, moradia, educação e transporte. A resposta dos governos e da polícia tem sido uma forte repressão.

Para garantir a realização da Copa do Mundo da FIFA, foram criadas leis para ampliar a criminalização das lutas, como a "lei antiterror", conhecida por "AI-5 da FIFA". A própria ANEL tem sido alvo das prisões, inquéritos e indiciamentos, como é o caso de companheiros da Executiva Estadual de São Paulo e de companheiros da ANEL Rio Grande do Sul.

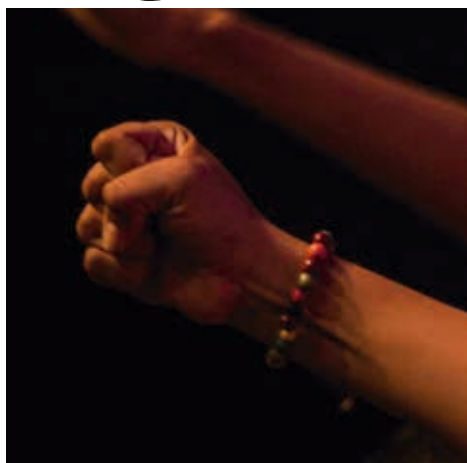
Os estudantes também debateram o racismo em nossa sociedade e decidiram realizar uma grande campanha nas universidades e escolas de todo o país, por cotas raciais e contra o genocídio da juventude negra. Para isto, será relançada a Cartilha de Cotas da ANEL e serão realizados debates e atos do norte ao sul do Brasil.

Ao final, a 8ª Assembleia Nacional aprovou sua nova Comissão Executiva Nacional, com representantes de quase todos os estados presentes. Chegou a hora de colocarmos todas as campanhas políticas votadas na Assembleia em marcha. Nem a repressão aos movimentos sociais vai calar a voz de protesto que vem das ruas.

NAS RUAS, SOMOS SONHOS E LUTAS! O FUTURO É AGORA!

As jornadas de junho mostraram não só a revolta dos jovens brasileiros contra as injustiças e desigualdades que destroem a vida do povo, mas igualmente a necessidade dos movimentos se organizarem e da juventude se unificar com a classe trabalhadora. A transformação radical de nossa sociedade só poderá avançar com essa unidade. Por isso, o recado da vitoriosa Assembleia da ANEL é claro: na Copa vai ter luta, sim, e a juventude vai tomar as ruas do país, de braços dados com os garis, os operários do Comperj (Complexo Petrolífero do Rio de Janeiro), os rodoviários de Porto Alegre e de todos os trabalhadores, onde quer que eles lutem.

A Juventude do PSTU sempre esteve engajada na organização de um movimento estudantil anti-governista e classista no país e estamos orgulhosos de fazer parte do projeto pioneiro da ANEL, que demonstrou toda sua força com sua 8ª Assembleia. O futuro é agora... vem com a gente!

Juventude reafirma disposição de luta e organização

FOTOS: ROMERITO PONTES

ASSEMBLEIA NACIONAL DA ANEL, que aconteceu no dia 21 de março em São Paulo

A ANEL foi reafirmada enquanto alternativa para os estudantes que querem lutar

LUCAS BRITO, Secretaria Nacional da Juventude

Os sonhos de milhões de brasileiros estão nas ruas e nas praças. O futuro parece, cada vez mais, estar ao alcance de nossas mãos. Em junho de 2013, a juventude protagonizou um dos maiores levantes populares da história do Brasil. Foram milhões que saíram às ruas e resolveram pisar firme no chão e olhar para o futuro. O mais importante de tudo isso foi que a nossa geração aprendeu a lutar e a entender o sentido das mobilizações. A 8° Assembleia Nacional da ANEL reafirmou os sonhos da juventude brasileira, suas indignações e disposição de luta!

A juventude que luta e sonha deu um passo à frente ao demonstrar sua vontade em se organizar. A ANEL foi reafirmada enquanto alternativa para os estudantes que querem lutar.

ESTUDANTES APROVAM AS CAMPANHAS DA JUVENTUDE BRASILEIRA

O Brasil vive uma maior efervescência política. A indignação contra os gastos com a Copa do Mundo da FIFA, em detrimento da educação, saúde, moradia e transporte, tem aumentado a cada dia. Essa já é a Copa mais cara da história e mais de 80% dos gastos vem dos cofres públicos. O dinheiro gasto com a Copa poderia mais que dobrar o investido em Educação.

Por isso, a participação da professora Marinalva, presidente nacional do ANDES-SN (sindicato dos professores das universidades) foi fundamental para reafirmar a parceria em defesa da educação e também para reforçar a construção do Encontro Nacional da Educação, marcado para agosto.

JUVENTUDE PRESENTE NO ENCONTRO "NA COPA VAI TER LUTA"

A partir do dia 22 de março, no Encontro "Na Copa vai ter luta", a juventude passou a estar mais preparada para combater o papel nefasto do governo Dilma e a política combinada de governos como Tarso Genro (Rio Grande do Sul), Sérgio Cabral (Rio de Janeiro) e Alckmin (São Paulo) que respondem às mobilizações com bombas, prisões, perseguições e processos. Não são à toa os indiciamentos aos ativistas do Bloco de Lutas de Porto Alegre ou os inquéritos contra centenas de ativistas em São Paulo e tantos outros locais. O que mais faz esses governos e a burguesia tremerem é o medo de que a juventude siga em luta. Que aprendam: nas ruas somos sonhos e lutas. Sonhos e lutas não são destruídos por bombas ou prisões! Desmilitarização da PM já!

REAPRENDER A SONHAR

A geração que, hoje, sai às ruas e transforma, a partir das suas lutas, a realidade da política brasileira foi ensinada, desde muito cedo, a ficar em silêncio. A partir da derrocada do stalinismo, no Leste Europeu, uma grande ofensiva varreu a consciência de milhões em todo o mundo. Diziam que o capitalismo havia triunfado, associavam o socialismo àquelas ditaduras stalinistas e pregavam que o presente, de opressão e exploração, era o "fim da história". Embalada por essa propaganda, a nossa geração deixou de acreditar no socialismo, nas revoluções e na necessidade de lutar.

A Primavera Árabe, como ficou conhecida a onda de protestos no Norte de África e Oriente Médio, resultou em profundas transformações na consciência da juventude em todo o mundo. Combinada com as mobilizações dos jovens espanhóis, portugueses, gregos e ingleses contra as consequências da crise econômica, a Primavera Árabe reascendeu uma ideia fundamental para a nossa geração: só por meio da luta podemos mudar nossas vidas. Novos ventos sopraram, atingiram o Brasil e passaram a influenciar corações e mentes.

A partir de junho de 2013, os jovens brasileiros passaram, além de aprender, a ensinar. Porém, precisamos superar a falta de compreensão sobre a necessidade da unidade entre operários e estudantes. A falta dessa aliança foi um entrave para as mobilizações a partir de junho. Para nós, da juventude do PSTU, isso começa a mudar.

É emblemático que tenhamos tido a presença de cerca de mil jovens na 8ª Assembleia Nacional. Por um lado, isto comprova a importância política do projeto de construção da ANEL que está se tornando um polo atrativo aos que, apesar da UNE, queiram se organizar de forma democrática, independente, internacionalista, classista e combativa.

Além disso, acreditamos que essa grande vitória política da entidade só foi possível, porque os estudantes dos 23 estados brasileiros presentes nesta Assembleia queriam, além de encontrar outros estudantes, lutar ao lado dos operários do Comperj, dos rodoviários do Rio Grande do Sul e dos garis do Rio de Janeiro.

O FUTURO É AGORA

A fundação da ANEL tem valor histórico para a juventude brasileira. Pouco antes de comemorarmos cinco anos da entidade, ela já está provada como um instrumento de uma parcela importante da juventude brasileira que está reaprendendo a sonhar e lutar. Nós, da juventude do PSTU, acreditamos nessa tarefa. Não é à toa que, na Assembleia, foram feitas saudações políticas do Levante Popular de Juventude, da Juventude Anticapitalista – RUA, da FENET e do Território Livre. O movimento "Juntos" enviou uma carta de saudação. Isso é um reflexo da importância política da entidade junto às mobilizações da juventude brasileira.

No Congresso da ANEL, realizado em maio e junho de 2013, dissemos que com sonhos e lutas se faz o futuro. As ruas, as praças e as lutas nos mostram que o futuro é agora! A juventude, que luta e sonha, merece uma entidade livre, democrática e de luta. Nossa geração está marcando seu lugar na história. Não perdoaremos as injustiças da Copa, as bombas e o genocídio da juventude negra. Como disseram nossos companheiros garis: esse lixo vai feder!

"Vinte anos após a vitória do CNA, os trabalhadores não ganharam nada"

JEFERSON CHOMA

A África do Sul foi palco da última Copa do Mundo, em 2010. Naquele momento os sul-africanos tiveram que enfrentar o mesmo autoritarismo do governo e da FIFA, que impuseram a criminalização aos movimentos sociais, fizeram remoções de moradores pobres dos centros das grandes cidades, entre muitas outras coisas que o Brasil está conhecendo agora. Para falar sobre o assunto, o Opinião entrevistou dois ativistas sul-africanos, durante o Encontro "Na Copa vai ter luta". Thando Manzi, estudante, e o representante da organização sindical dos metalúrgicos NUMSA , Hlokoza Motau. Os ativistas falaram também sobre o processo de reorganização que o movimento sindical do país começa a viver. Um processo de reorganização que tem questionado os sucessíveis governos do CNA (Congresso Nacional Africano), partido criado por Nelson Mandela e no poder desde 1994, e a hegemonia da Cosatu, tradicional central sindical que se tornou governista, burocrática e corrupta. Confira a entrevista.

SARA AL-SURI, de São Paulo

HÁ UMA NOVA CONJUNTURA NA ÁFRICA DO SUL. E, TAMBÉM, HÁ SEMENTES DA REORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO SOCIAL QUE ENVOLVE SETORES DA CLASSE TRABALHADORA. VOCÊS PODEM NOS FALAR UM POUCO SOBRE ISSO? E PRINCIPALMENTE A RELAÇÃO DO NUMSA COM A CENTRAL COSATU?

Hlokoza Motau – Na África do Sul, nós da NUMSA [sindicato dos metalúrgicos] notamos que, depois de 20 anos de liberdade, após a vitória do CNA, os trabalhadores não ganharam nada. O governo, em todos esses anos, adotou medidas conservadoras macroeconômicas gerando um alto desemprego e desindustrialização, uma divisão entre os trabalhadores, incentivando a terceirização, o trabalho temporário, e privatizando bens do Estado. Nós, do NUMSA, decidimos que a situação atingiu o limite e há uma necessidade de um programa econômico radical. Existe uma aliança histórica entre o CNA, o Congresso Sul Africano de Sindicatos (Cosatu) e o Partido Comunista sul-africano e colocamos para eles a necessidade de um programa econômico de ruptura para reverter a situação no qual os trabalhadores se encontram. Após o massacre de Marikana, em que 34 mineiros foram assassinados pela polícia, notamos que esse governo não é sério e o CNA não fará as mudanças que os trabalhadores precisam.

QUAL E A RELAÇÃO OFICIAL ENTRE A SUA ORGANIZAÇÃO (NUMSA) E A COSATU?

HM – Ainda integramos a Cosatu, mas enquanto NUMSA, decidimos que queremos construir uma outra Cosatu, militante e comprometida com a luta dos trabalhadores. E, caso a Cosatu não o faça, não teremos medo de romper e construir outra central sindical. Em relação ao CNA, já anunciamos que não faremos nenhum tipo de campanha política para o CNA nem doaremos dinheiro para as suas candidaturas. Porque o CNA representa os interesses da burguesia e como trabalhadores não ganhamos nada com essa aliança. Mas continuamos na Cosatu e, junto com outras entidades, assumimos a liderança desse processo por transformações econômicas. Podemos ser expulsos da entidade por isso.

VOCÊS ESTÃO NUM ENCONTRO QUE É FRUTO DE UM PROCESSO SIMILAR AO DE VOCÊS, DE REORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES. NESSE SENTIDO, É POSSÍVEL FAZER UMA COMPARAÇÃO ENTRE ÁFRICA DO SUL E O BRASIL, HOJE?

HM – Vejo muitos paralelos. Por exemplo, a importância que é dada à luta contra a burocratização dos sindicatos. É um problema similar ao que temos no movimento sindical sul-africano, que está profundamente atrelados ao Estado e ao governo. E dizemos: caso não consigamos fazer as mudanças na Cosatu que desejamos, sairemos dessa entidade e fundaremos uma organização independente. Estamos construindo uma unidade de ação que teve primeira mobilização grevista no dia 19 de março, em conjunto com outros movimentos sociais e a juventude. Mas também queremos construir um movimento em direção ao socialismo.

> *"Decidimos que queremos construir uma outra Cosatu, militante e comprometida com a luta dos trabalhadores. E caso a Cosatu não faça, não teremos medo de romper e construir outra central sindical*

AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS SE APROXIMAM NA ÁFRICA DO SUL. OS TRABALHADORES, HOJE, ENXERGAM UMA ALTERNATIVA AO CNA?

HM – Decidimos, como NUMSA, não fazer a campanha do CNA, porque eles representam a burguesia. Mas, em relação às atuais eleições, não temos nenhum partido para o qual chamamos nossos militantes a votarem. E deixamos muito claro que não faremos campanha a nenhum partido. O que dizemos a nossa base e que devemos procurar movimentos alternativos. Estamos chamando uma reunião, em julho, com o lema: *qual o movimento alternativo podemos construir na África do Sul?*

O BRASIL TAMBÉM VIVE INTENSAS LUTAS SOCIAIS E QUESTIONAMENTO À COPA DO MUNDO. QUAL O CONSELHO VOCÊS TÊM PARA OS BRASILEIROS?

HM – Meu conselho é que a Copa do Mundo vai trazer oportunidades para pressionar os patrões e o governo e colocá-los numa posição para fazer concessões. Para os trabalhadores é a melhor oportunidade para exigir aumentos salariais. Por exemplo, utilizamos a Copa como momento para avançar nos direitos dos trabalhadores da construção civil. Significa que a pressão precisa ser construída agora, antes do começo da Copa. E, também, para os movimentos sociais é um ótimo momento para reivindicar que os investimentos para as demandas sociais sejam maiores que os feitos para a FIFA. Isso abre, agora, uma oportunidade para pressionar o governo. Mas não se pode esperar até julho. A luta precisa começar agora.

Thando Manzi - Na África do Sul, vendedores ambulantes que normalmente trabalhariam próximos aos estádios, foram expulsos das suas áreas. Por exemplo, as crianças de rua, em Durban, elas foram expulsas da cidade. Foram pegas e colocadas longe das áreas. Algumas crianças foram jogadas muito longe das periferias.

A juventude na África do Sul, hoje, perdeu as esperanças. O legado de Mandela se dissolveu. E, como você vê na minha camiseta: Hoje somos a juventude lutando por empregos e combatendo falsas ilusões. Por exemplo, existem muitas favelas e estudantes com mestrado acabam trabalhando em *call centers*, sem conseguir empregos qualificados.

O legado da África do Sul é visível no aumento da desigualdade social. Vimos, por exemplo, na construção civil, um crescimento da terceirização e depois disso o fim dos empregos. As pessoas começaram a depender de ajuda da assistência social.

Vitória: cerimônia oficializa início da construção do "Pinheirinho dos Palmares"

ANA CRISTINA, de São José dos Campos

Depois de muita luta e resistência, finalmente o sonho começa a se realizar. Foi oficializada nesta terça-feira, dia 25, em uma solenidade que contou com a presença da presidente Dilma Roussef (PT), a construção do conjunto habitacional "Pinheirinho dos Palmares".

O residencial, que será construído num terreno de 645 mil metros, localizado na região sudeste de São José dos Campos, terá 1.700 casas destinadas às famílias despejadas da antiga ocupação Pinheirinho, em 2012. A entrega das moradias está prevista para setembro de 2015.

A cerimônia contou com a participação de várias autoridades, entre as quais, o prefeito de São José dos Campos, Carlinhos Almeida (PT), vereadores, representantes do governo federal e estadual e da Caixa Econômica Federal. O governador Geraldo Alckmin (PSDB) não compareceu. Enviou como representante o Secretário de Habitação, Silvio Torres.

Toninho Ferreira, presidente do PSTU de São José dos Campos e advogado das famílias do Pinheirinho, participou da cerimônia e falou aos presentes.

Foto: Tanda Melo/Sindmetal SJC

Toninho Ferreira, advogado dos moradores do ex-Pinheirinho, fala durante a cerimônia de início de construção do conjunto habitacional Pinheirinho dos Palmares.

UMA GRANDE VITÓRIA

O novo bairro Pinheirinho dos Palmares é uma vitória fruto da corajosa luta das famílias. São 10 anos de mobilização! É um acontecimento histórico, uma conquista de todos que lutam pelo direito à moradia.

A força do movimento pressionou os governos, garantindo a conquista do novo bairro, levando inclusive a presidente da República a vir a São José dos Campos e reconhecer a luta dos moradores.

Dilma falou durante cerca de 30 minutos e destacou a luta do movimento. *"E vocês foram capazes de mostrar uma força, de mostrar caráter, de mostrar dignidade diante de umas das maiores violências que podem acontecer com uma família, que é perder o seu lar"*, acrescentou.

Na violenta desocupação, realizada pelo governo do PSDB, o movimento reivindicou da presidente Dilma uma medida provisória que desapropriasse o terreno do Pinheirinho e evitasse a aquela tragédia. Entretanto, a presidente não fez isso na época e o despejo acabou se concretizando.

Na cerimônia, todos tentaram capitalizar a construção das casas, mas na realidade essa conquista não é um presente dos governos, mas uma vitória fruto da luta das famílias. Em sua fala, Toninho destacou esse fato.

Ele falou na sequência do prefeito Carlinhos. Muito aplaudido, o presidente do PSTU de São José dos Campos fez três reivindicações à presidente Dilma e autoridades presentes, cobrando uma lei que proíba despejos violentos no país, o reajuste do aluguel social pago às famílias e a desapropriação do antigo terreno do Pinheirinho.

Ele iniciou sua fala lembrando que foi preciso muita luta para superar as dificuldades até chegar ao dia de hoje. Disse que hoje se via as lágrimas de alegria nos olhos dos moradores, mas já houve muitas lágrimas de dor quando eles viram suas casas, pertences e caixinhas de lembrança sendo destruídos naquele fatídico dia da desocupação.

"É preciso fazer uma reflexão. Por que tanto sofrimento para se conquistar uma casa própria, que é um direito e deveria ser um direito de toda família? Por isso, pensamos que deveria existir uma lei nesse país, e reivindicamos isso aqui da presidente Dilma, uma lei para acabar com os despejos violentos, para nunca mais ocorrer o que aconteceu no Pinheirinho. Ao nosso ver, o movimento social não pode ser tratado como caso de polícia. É preciso ter políticas públicas", disse.

Toninho destacou que o antigo terreno da ocupação Pinheirinho voltou a ser uma área abandonada e cobrou a desapropriação do terreno. *"O direito à vida tem de vir antes do direito à propriedade e o terreno precisa voltar a cumprir sua função social"*, disse.

Lembrando ainda que o aluguel social de R$ 500 está com o valor congelado há dois anos e não é suficiente para pagar uma moradia na cidade, reivindicou do representante do governo Alckmin e do prefeito, o reajuste do valor.

"Em nossas assembleias no barracão, a promessa que a gente fazia era somente a luta. E queremos reafirmar nosso compromisso. Enquanto existir uma família sem ter onde morar, vamos lutar, pois tem de ser assim para conquistar. Hoje é dia de festa, temos o direito de comemorar. Valeu a pena ter lutado, viva a luta do povo, viva o Pinheirinho dos Palmares", encerrou Toninho.

Os ex-moradores do Pinheirinho, que compareceram em peso à solenidade, entoaram o tradicional grito de guerra do movimento: *"ah, ah, uh, uh, o Pinheirinho é nosso!"*

As famílias seguirão organizadas para acompanhar todo o processo de construção das casas. Poderão, inclusive, trabalhar nas obras, conforme reivindicação e acordo feito com os governos e a construtora.

A mobilização continua! Neste país onde ainda prevalecem os interesses da especulação imobiliária, ao invés dos interesses dos mais pobres, o Pinheirinho deixa uma lição: é preciso lutar, é possível vencer! Vamos em frente!

Pinheirinho: uma luta que não vamos esquecer

QUANDO SURGIU?

Em fevereiro de 2004, a área foi ocupada por cerca de 300 famílias sem-teto, expulsas de um terreno no vizinho bairro do Campo dos Alemães. Nos anos seguintes, apesar de sucessivas ameaças de reintegração, o acampamento cresceu, impulsionado pelo grave déficit habitacional na cidade.

O TERRENO

O terreno do Pinheirinho ocupava uma área de 1,3 milhão de metros quadrados na Zona Sul de São José dos Campos (SP). Um terreno cujo tamanho é equivalente a 130 quadras de futebol e que, há 40 anos, estava esquecido na periferia da cidade. As terras acabaram parando nas mãos do mega especulador Naji Nahas, acumulava dívidas com o governo federal e municipal, R$ 16 milhões só de IPTU.

A ORGANIZAÇÃO

As moradias eram divididas por 14 setores. Haviam reuniões de coordenação e uma assembleia geral, onde se discutiam desde em enchentes, as regras do acampamento e as ações de resistência dos moradores.

MASSACRE TUCANO

Na manhã do último dia 22 de janeiro de 2012, a Tropa de Choque invadiu o Pinheirinho e expulsou violentamente as famílias que habitavam o local por oito anos. O governo Alckmin resolveu passar por cima de uma resolução da Justiça Federal que impedia a desocupação. A brutalidade da ação provoca uma imensa comoção nacional e internacional.

Foto: Jefersom Choma

Uma alternativa de luta para as ruas e as eleições

Diante da recusa do PSOL em formar uma Frente de Esquerda, PSTU reafirma a pré-candidatura de Zé Maria.

DA REDAÇÃO

O governo Dilma sofreu um profundo desgaste após as mobilizações que tomaram conta do país em junho. De uma popularidade de 65%, a avaliação positiva do governo despencou para 30% em apenas um mês. De lá para cá, o governo recuperou parte da popularidade, mas ainda está longe dos índices que ostentava antes. No entanto, de acordo com as últimas pesquisas eleitorais, Dilma aparece como franca favorita, levando a disputa ainda no primeiro turno nos principais cenários. De acordo com a pesquisa Ibope divulgada nesse dia 20 de março, a presidente Dilma tem 43% das intenções de voto. Enquanto isso Aécio Neves (PSDB) tem 15% e Eduardo Campos (PSB), 7%.

Por outro lado, pesquisa realizada no final de 2013 apontava que 66% das pessoas querem que o próximo governo tome medidas diferentes do atual. Isso aponta que, de forma geral, as pessoas não concordam o governo do PT, que já não conta com o apoio e confiança de antes. A grande maioria da população quer mudança mas, por hoje, com uma oposição de esquerda ainda frágil, não enxerga alternativas ao governo do PT, ao mesmo tempo em que não deseja a volta da direita tradicional ao poder.

UMA ALTERNATIVA PARA AS RUAS

Quase um ano após as Jornadas de Junho, nada foi feito para atender as reivindicações que levaram milhões de pessoas às ruas. As mobilizações foram capazes de derrotar os reajustes no transporte público em muitas capitais, mas mesmo os aumentos estão sendo retomados agora, como no Rio de Janeiro. De resto, o caos continua nos serviços públicos, com os hospitais e escolas públicas precários. E agora, além de não atender às reivindicações colocadas pelas ruas, os governos empreendem uma verdadeira ofensiva de criminalização dos protestos e dos lutadores, com repressão, prisões e indiciamentos dos manifestantes.

A heroica greve dos garis do Rio, por sua vez, mostrou o caminho. Enfrentando a truculência do governo Cabral e a repressão de sua polícia, os garis entraram em greve e foram às ruas, passando por cima da direção do próprio sindicato e conquistando o amplo apoio da população. Fortalecidos, dobraram o governo e conquistaram suas reivindicações, transformando-se em um exemplo a todos os trabalhadores do país. Outras categorias estão cruzando os braços e indo à luta, como os operários do Comperj (Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro), e os servidores das universidades federais.

O desafio, nesse sentido, é o de construir um terceiro campo, uma alternativa dos trabalhadores para as lutas, independente do governo federal e dos governos estaduais do PSDB, PMDB, etc. Infelizmente, entidades como a CUT, UNE e MST, profundamente atreladas ao governo do PT, se negam a impulsionar as lutas que podem se chocar com o governo federal. Mais que isso, a CUT acaba de anunciar que irá realizar manifestações a favor da Copa.

O encontro do Espaço Unidade de Ação, "Na Copa vai ter Luta", realizado nesse dia 22 de março em São Paulo, foi um importante passo nesse sentido, reunindo amplos setores para preparar e organizar as mobilizações durante a Copa do Mundo.

UMA ALTERNATIVA PARA AS ELEIÇÕES

Sabemos que as reais mudanças não virão com as eleições, mas com a luta e a mobilização direta dos trabalhadores e a juventude. Mas a campanha eleitoral já é um fato colocado na realidade e será um momento de se debater saídas aos problemas colocados hoje. Assim, será importante apresentar uma alternativa de classe e socialista que expresse, no programa, uma ruptura com os governos do PT e seus aliados, como o PMDB, assim como com a oposição de direita, como o PSDB ou o PSB. Uma saída que apresente o programa colocado pelas ruas em junho.

É para isso que o PSTU apresentou a pré-candidatura de Zé Maria à presidência da República. Dirigente operário do período das grandes greves do ABC do final da década de 1970, que se enfrentaram com a ditadura, Zé Maria, ao contrário dos outros dirigentes da época, não mudou de lado. Hoje, é um dos principais dirigentes da CSP-Conlutas, que está se constituindo nas lutas cotidianas como alternativa à CUT, e foi também um dos principais articuladores do encontro "Na Copa vai ter Luta".

O PSTU apresenta sua alternativa justamente para denunciar as eleições financiadas pelas grandes empresas. Levantamento recente revela que dois terços do financiamento de campanha recebido pelos três maiores partidos, PT, PMDB e PSDB, entre 2009 e 2012, vieram de grandes empresas. Isso equivale a R$ 1 bilhão. Só uma alternativa independente e que não receba recursos das grandes empresas pode levar adiante o programa de junho para as eleições, defendendo o não pagamento da dívida pública para investir 10% do PIB para a educação, 10% do PIB para a saúde, e medidas como uma reforma agrária radical e o fim do latifúndio.

Da mesma forma, a candidatura representada por Zé Maria será um ponto de apoio às lutas contra as opressões às mulheres, negros e LGBTs, sob uma perspectiva de classe, assim como a luta contra a repressão e a criminalização dos movimentos sociais.

PSOL E RANDOLFE NEGAM FRENTE COM O PSTU

Desde 2013, o PSTU vinha realizando um chamado ao PSOL e ao PCB para a formação de uma frente de esquerda para as eleições, a fim de que a esquerda socialista apresentasse uma candidatura unificada. No entanto, infelizmente, o PSOL se antecipou a qualquer discussão lançando a candidatura do senador Randolfe Rodrigues à presidência e Luciana Genro como vice. Além da composição da chapa, o PSOL se negou a discutir um programa em comum para as eleições, limitando-se a defender propostas no marco do regime e do capitalismo.

Infelizmente, o PSOL fechou o espaço para uma frente e definiu seu caminho. Uma candidatura que não vai defender a reestatizaão das empresas privatizadas, como a Vale e a Embraer, e que não empunhará bandeiras como a estatização do transporte público como forma de implementar a tarifa zero. Isso porque o PSOL defende a permanência das empresas de transporte, subsidiando a tarifa zero com os recursos do IPTU. Em Macapá, cuja prefeitura é governada pelo partido, uma única empresa privada controla 70% dos ônibus e cobra passagens caríssimas (R$2,15 para uma cidade 30 vezes menor que São Paulo).

UMA PRÉ-CANDIDATURA DAS LUTAS

A pré-candidatura de Zé Maria, por outro lado, vai construir um programa de ruptura, juntamente com os setores que estão envolvidos no processo de reorganização do movimento sindical, popular e estudantil, assim como junto a artistas e intelectuais que se disponham a colaborar na elaboração de um programa anticapitalista. Vamos trabalhar juntos e fazer um seminário nacional de programa em maior para apresentar uma alternativa socialista ao país.